



Educação de Jovens e Adultos e Agroecologia: uma construção de saberes na multiplicidade

Youth and Adult Education and Agroecology: a construction of knowledge in multiplicity

DANIEL, Lilian Oliveira¹

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, lilian.daniel@ufms.br

Resumo: A integração dos princípios agroecológicos na EJA é explorada como uma oportunidade de reimaginar a prática educacional, respeitando os conhecimentos prévios dos estudantes e promovendo uma educação crítica e contextualizada. Elementos como territorialidade, pertencimento, diálogo de saberes e valorização da diversidade são apresentados como pilares para conectar essas duas áreas, criando uma pedagogia que transforma realidades e fortalece comunidades. Conclui-se que práticas inspiradas na agroecologia podem potencializar a EJA como espaço de aprendizado significativo, promovendo autonomia, cidadania e sustentabilidade em um mundo plural.

Palavras-chave: Agroecologia; Diversidade; Educação de Jovens e Adultos.

Abstract: The integration of agroecological principles in EJA is explored as an opportunity to reimagine educational practice, respecting students' prior knowledge and promoting critical and contextualized education. Elements such as territoriality, belonging, dialogue of knowledge and appreciation of diversity are presented as pillars to connect these two areas, creating a pedagogy that transforms realities and strengthens communities. It is concluded that practices inspired by agroecology can enhance EJA as a significant learning space, promoting autonomy, citizenship and sustainability in a plural world.

Keywords: Agroecology; Diversity; Youth and Adult Education.

Iniciando nossa conversa...

O que podemos construir ao refletir sobre os modos de produção de conhecimento agroecológico? Como podemos trabalhar com as especificidades da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, a partir delas, gerar novas perspectivas? De que forma podemos aprender com a agroecologia e trazer para a educação uma nova maneira de sentir e interpretar o mundo?

Este é um movimento inicial de discussão, no qual se procura, ainda que de forma embrionária, conectar o modo de vida agroecológico à prática educacional na EJA. A agroecologia se apresenta como um campo que promove a democracia, baseada no diálogo, na conexão com o território e no fortalecimento da autonomia. Já a EJA, apesar de seu reconhecimento legal como modalidade específica da educação



básica, ainda luta para se consolidar como um espaço emancipador, igualitário e transformador.

Ambos os campos enfrentam desafios impostos pela concentração de poder e pela lógica de exploração do capital, que limitam suas possibilidades de ação. Ainda assim, a agroecologia e a EJA se reinventam em meio às contradições, resistem às melhores condições de existência e buscam transformar vidas. Esses movimentos abrangem uma rica diversidade de espaços e assuntos, evidenciando seu potencial transformador e sua força na luta por um mundo mais justo.

Abram a roda, vamos trazer para dentro desta mandala educacional a Agroecologia, e junto dela um diálogo com a Educação de Jovens e Adultos - EJA. Não tenhamos medo de tensionar novas experimentações, novas formas de compreensão, outras leituras de mundo, outros modos de nos relacionar com a vida. Esse espaço é múltiplo, cabe novas formas de produzir e atuar nossas vivências. Direciono aqui um olhar para pensar como e o que podemos aprender com a agroecologia - talvez, quem sabe, produzir possibilidade de uma “educação da EJA agroecológica”?

Assim, tento mobilizar meu corpo e minha forma de perceber o mundo, também com a Educação de Jovens e Adultos - tema que tenho pesquisado nos últimos tempos - trazendo olhares para esse modo de produzir conhecimento. Como seria um modo de estar na escola da EJA inspirados agroecologicamente? Essa é uma tentativa, ainda precoce, que tento pensar, dialogar, cientificizar. Há inúmeras possibilidades de relacionar novos elementos ao que estou produzindo, um novo modo de estar no mundo: um pensamento agroecológico educacional de pertencer ao mundo.

A Agroecologia como possibilidade de estar no mundo.

Quero me movimentar, neste trecho da escrita, a pensar sobre a Agroecologia. Ela como uma proposta, um modo de estar no mundo. A agroecologia como um movimento, um campo do conhecimento, um processo produtivo, um modo de vida, uma ciência, um movimento social, um movimento político. O pensamento agroecológico como plural, agregando às diferenças que se multiplicam no diverso, e surge como uma forma de contestação às práticas convencionais de uma agricultura “dita moderna”.

Esse movimento, que emergiu de uma oposição à chamada Revolução Verde que entra em uma trajetória de fracasso em relação a seu objetivo, impulsiona questionamentos em relação a sua forma de produção e de gerar riquezas de forma desequilibrada e nada sustentável. Quando as práticas da agricultura convencional começam a se tornar desiguais, é lá que a agroecologia vai ganhando força, porque é por meio dela que o desenvolvimento sustentável vai ganhando projeção.



Não há pensamento/forma de vida agroecológica desalinhado à uma preocupação com a qualidade de vida dos moradores de determinados territórios, preservação do meio ambiente, equilíbrio de fatores sociais, culturais, políticos e econômicos.

Miguel Altieri, pesquisador referência nas discussões sobre o movimento agroecológico, nos propõe a pensar a agroecologia enquanto uma verdadeira alternativa técnico-científica global, como uma renovação do social e do sistema técnico-produtivo, podendo constituir-se em fonte de importantes mudanças culturais.

Alinhando o entendimento com Brandenburg (2002), percebemos que movimento da agricultura ecológica no Brasil pode ser identificado por: um movimento nacional contra a industrialização da produção agrícola iniciado nos anos 1970; o surgimento de novos grupos e de formas de organização social; a institucionalização da agricultura ecológica, acompanhado por uma diluição parcial de seus princípios, e destaca uma quarta discussão que é a redefinição e a recomposição de diferentes versões da agricultura alternativa, no qual a agroecologia ocupa um lugar significativo.

A Agroecologia se produz na luta pelos direitos, pela história múltipla, como espaço de denúncia, nos espaços de resistência, pelo empoderamento da fala dos menos favorecidos, pela equidade, pela coletividade. Um lugar onde a prática se encontra com o saber; um lugar de compartilhamentos e não de disputas. Um espaço educacional nas e das diferenças.

Cenários Múltiplos da Educação de Jovens e Adultos

Chamo para a escrita a Educação de Jovens e Adultos. Uma modalidade de ensino no Brasil reconhecida pela legislação brasileira, em 1996, com todas as suas especificidades pelo sistema de ensino, porém, ainda ocupa um lugar periférico no cenário educacional. O campo da EJA ainda é caracterizado por tensões, número de analfabetos funcionais, pessoas que ainda não concluíram as etapas da educação básica. Esses sujeitos jovens e adultos, público da EJA, são em sua maioria pessoas de regiões mais pobres, periféricas, de vulnerabilidade social e econômica, e predominantemente afro-brasileiros.

Dialogando com Jamil Curry (2000), destaco que mesmo sendo a modalidade prevista como uma forma de ser reparadora de uma dívida social marcada pela negação dos direitos ao acesso à educação básica ao longo da vida não reparada àqueles que não tiveram acesso a escolarização e nem domínio da escrita e da leitura no tempo adequado, a EJA no Brasil ainda continua sendo um espaço não privilegiado dentro do cenário das políticas públicas para educação básica no Brasil.

A existência desse problema, que a cada vez mais provoca exclusão dos povos mais pobres e das periferias, é um obstáculo da plena cidadania das pessoas que não



acessam a escolaridade, uma realidade histórica que vem sendo arrastada por muitos e muitos anos.

A LDB n. 9394/96 traz a EJA como uma modalidade da educação básica, com as especificidades próprias, garantindo, em lei, que a modalidade seja pensada a partir de uma realidade reparadora, com princípio de garantir a equidade entre as pessoas que passam por processos de acesso à escola de formas tão diferentes. A luta por uma EJA de qualidade persiste e coexiste no cenário educacional brasileiro, uma marca ainda no nosso cenário escolar na oferta da EJA.

Ainda há uma batalha da EJA no Brasil para que haja para tal modalidade modelos pedagógicos próprios, criando situações de aprendizagem personalizadas para atender tal grupo de jovens e adultos que voltam à escola em uma situação muito diferente daquela na qual eles e elas abandonaram a escola anteriormente. A EJA não pode ser vista como uma extensão do ensino fundamental e do ensino médio, mas tem que ter personalidade própria, porque seus estudantes são outros, seus professores devem ter posturas outras, o educador, como a modalidade é específica, inserido em uma problemática de EJA, e a escola adequada para tal.

Ainda temos um cenário muito diferente do que se foi pensado para a modalidade quando se legislou (ver parecer CNE/CEB 11/2000). A modalidade ainda provoca exclusão porque os modelos pedagógicos ainda são adaptados de outras modalidades da educação básica, mesmo tendo diretrizes próprias previstas em lei, e a escola ainda permanece a mesma daquela que expulsou o estudante da primeira vez que ele chegou para estudar e não conseguir concluir os estudos. Dentro dessa escola da EJA temos jovens e adultos com experiências diversas de vida, com ciclos de existência que precisam ser respeitados, com saberes que nascem dos seus fazeres.

Na recente pesquisa de Daniel (2022), há um estreitamento de olhares para a modalidade no estado de Mato Grosso do Sul. Uma percepção de não olhar para convergências, mas para as inúmeras possibilidades e desafios dessa modalidade da educação. Os cenários da Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul são apresentados pelos professores e professoras de Matemática da modalidade que estavam na escola lecionando e, a partir de suas narrativas, foram mostrando uma modalidade existente dentro do estado, tão diversa, tão plural, tão própria.

Nessa direção, percebe-se o quanto a modalidade ainda é considerada pelas políticas educacionais como periférica, sendo colocada muitas vezes à revelia no cenário educacional. Nos cenários constituídos pela pesquisa, há “gritos” de professores de matemática que sinalizam sobre a precarização da oferta da EJA no estado, sobre a não valorização de um campo pedagógico específico que não requer a profissionalização dos seus agentes nos processos seletivos de contratação temporária de professores, sobre os conflitos geracionais de estudantes existentes



nas salas de aula, sobre as dificuldades de produzir conhecimento diante das dificuldades do estudante ser frequente na aula, de chegar na escola depois de uma trajetória de trabalho, a incompatibilidade de horários marcado pelo mundo do trabalho.

Entrementes, há nesse contexto da modalidade um perfil de estudantes que voltam à escola, com muitas marcas da exclusão, que foram submetidos pela escola anteriormente. Essa marca, muitas vezes, faz com que o estudante retorne à escola, mas a abandone depois, criando assim um ciclo de abandonos e evasões, marca tão forte na modalidade.

Mas, também, não posso deixar de dizer sobre a potência que opera na modalidade. São nessas escolas que jovens, adultos e idosos, de lugares diferentes, se encontram, com suas histórias, suas experiências, suas preocupações, seus dilemas, com jeitos de ser, de viver e pensar que se misturam.

São pessoas diferentes entre si e que transformam a sala de aula em um encontro das diferenças, um encontro de saberes. Essa escola vai sendo habitada pela diversidade, ela que é, para além de um conjunto de prédios e estruturas, que gera um conjunto de relações, de ações, de corpos que produzem afetos, atravessados pela experiência.

Como tornar possível pensar em agroecologia e Educação de Jovens e Adultos?

O mundo nos desafia a pensar sobre nossas condições como educadores dentro de cenários tão diversos e dinâmicos. A educação sendo a transformadora dos espaços muitas vezes cristalizados, buscando formas de se reinventar nesses lugares. Nesta perspectiva, olhamos para o modo agroecológico de pensar as relações, conforme nos inspira Caldart (2019), detalhando que a agroecologia é um tanto ciência quanto um conjunto de práticas (Altieri, 2012, p.15), que passa por experimentações e pela produção do conhecimento científico.

Uma ciência e prática que opera na diversidade, que respeita as histórias dos seus sujeitos, que produz na diferenciação, para e pelo ser humano, com a natureza e não contra ela. A agroecologia que defende um modo de produzir “ecologicamente equilibrado, conservando a biodiversidade, que seja socialmente justa, economicamente viável e culturalmente adequada” (Caldart, 2019, p.02).

A autora propõe que tanto a agroecologia quanto a educação crítica são práticas que se contrapõem à lógica hegemônica do capital. Assim, podemos expandir essa perspectiva para a EJA, ressaltando a importância de um ambiente educacional que valoriza a autonomia, o respeito ao diálogo e a construção de saberes coletivos.



A agroecologia, conforme discutido por Caldart, integra um conhecimento científico com práticas culturais tradicionais. Esse diálogo de saberes é essencial para a EJA, onde os estudantes trazem experiências de vida e conhecimentos práticos que podem enriquecer o processo educativo.

A proposta aqui é pensar como a EJA pode adotar uma postura mais dialógica e inclusiva, inspirada nas práticas agroecológicas de troca de conhecimentos. Encontrando com as escritas de Roseli Caldart (2019), autora que defende uma visão crítica e transformadora da educação, especialmente voltada para comunidades do campo, em um diálogo constante com as práticas da agroecologia.

A autora nos desloca a tecer pensamentos sobre a agroecologia não como um método de produção, mas como um projeto de vida que envolve a criação de “novas relações sociais baseadas em justiça, autonomia e sustentabilidade” (Caldart, 2019). Diante desse diálogo, podemos alinhar um pensamento de que tanto a educação quanto a agroecologia têm um papel transformador, não apenas no sentido produtivo, mas na construção de um projeto societário alternativo.

A autora nos apresenta a Agroecologia como um conjunto de pressupostos, que perpassa por um modo de produzir com a natureza, para e pelo ser humano, que delineia novas relações sociais de produção, tendo praticando uma base ecológica, com princípios de soberania alimentar, respeitando as histórias dos sujeitos e a diversidade. A agroecologia não sendo apenas uma técnica de cultivo, mas um projeto de vida e um modelo de sociedade. Defendendo que as escolas integrem a agroecologia em seus currículos como forma de promover uma educação que respeita a natureza e as culturas locais.

A autora protagoniza a agroecologia como uma ciência que promove um redesenho das práticas agrícolas em harmonia com a natureza, ao invés de seguir o modelo industrial capitalista que explora o meio ambiente. Esse enfoque está diretamente relacionado à necessidade de educar para a sustentabilidade e a soberania alimentar.

A Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade de educação, que para chegar a ser constitucionalmente reconhecida passou por travamentos e lutas; e que até nos dias de hoje passa por grandes enfrentamentos e batalhas para garantir o princípio da igualdade de condições de acesso e permanência de todos na escola, ao longo da vida. Uma modalidade que tem uma trajetória marcada pelas lutas por direitos, e que ainda hoje é marcado por séries de discontinuidades, momentos de instabilidade e de negação de direitos.

Tanto a agroecologia quanto a EJA enfrentam desafios diante de uma lógica de exploração capitalista que visa à marginalização de comunidades e indivíduos. Caldart aponta que há uma "tatuagem" capitalista que aliena e impede a transformação social. A EJA, nesse sentido, pode ser uma ferramenta para "remover essa tatuagem" e



promover uma consciência crítica entre os estudantes." A educação precisa ser um espaço de resistência, onde se confronta a lógica capitalista e se promove a construção de alternativas" (Caldart, 2020).

Caldart argumenta que tanto a educação quanto a agroecologia têm um papel transformador, não apenas no sentido produtivo, mas na construção de um projeto societário alternativo. Podemos expandir essa ideia discutindo como a EJA pode ser um espaço de emancipação, onde os alunos se tornam sujeitos críticos, capazes de transformar suas realidades. "A agroecologia não é apenas um método de produção, mas um projeto de vida que envolve a criação de novas relações sociais baseadas em justiça, autonomia e sustentabilidade" (Caldart, 2016).

Tais movimentos vistos separadamente, podem não parecer estranhos entre si, porém quando questionamos o que podemos pensar quando olhamos para a EJA e a Agroecologia, podemos tencionar algumas discussões. A EJA é uma modalidade marcada por seus enfrentamentos e suas construções. Neste sentido, nós professores da EJA podemos, como na Agroecologia, ser profissionais que defendem e valorizam a vida, em suas diferentes dimensões e na sua diversidade. Podemos ser defensores de um posicionamento ético e respeitoso dentro e fora das escolas, isso perpassa pela justiça e equidade.

Podemos ser professores que respeitam os saberes práticos das vivências e das experiências dos estudantes, e que a partir disso fazer um refletir sobre esses conhecimentos e criar possibilidades de fomentar a produção de novos conhecimentos científicos. Podemos também ser professores que entendem a importância de trabalhar as relações sociais, ambientais, econômicas, e culturais de forma equilibrada e ética.

Aprendemos com tais movimentos que a formação humana é inseparável da produção mais básica da existência, do trabalho, das lutas por condições de alimentação, saúde, terra, segurança. O direito à educação, ao conhecimento, à cultura está atrelado às formas de viver nas tramas do presente.

Considerações para novos movimentos

O que podemos produzir olhando para os modos de produção de conhecimento agroecológicos? Como podemos operar olhando para as especificidades estudadas em uma modalidade de educação, a Educação de Jovens e Adultos, e produzir novas reflexões a partir disso? Como aprender com a agroecologia e mobilizar na área educacional uma outra forma de sentimentos de mundo? São questionamentos como este que nos mobilizam para a produção de conhecimento e são disparadores de diálogos com o mundo que operamos.



Podemos e devemos pensar sim, ampliar nossos diálogos sobre a construção dos saberes, olhando para todas as formas de conhecimento, respeitando, de forma “agroecológica”, operar no mundo. Ao olhar para as escolas, especificamente para as escolas da EJA, podemos pensá-las nos seus modos próprios de produzir uma escola autônoma, praticante de ideias de uma Educação como Prática de Libertação, nas quais assim como agroecologia, buscam ser um espaço de emancipação, promovendo uma educação que não só transfere conhecimento, mas transforma os sujeitos, incentivando uma visão crítica do mundo.

Podemos também, desvelar possibilidades dialógicas e de construção coletiva, a valorização do conhecimento popular, local e coletivo, estabelecendo um diálogo entre saberes tradicionais e científicos. A EJA como uma modalidade, que lida com um público diverso e experiências de vida ricas, necessitando de uma educação dialógica e contextualizada.

Essa conversa também se amplia, ao tratar da territorialidade e pertencimento: discutindo como, tanto a agroecologia quanto a EJA se relacionam fortemente com a ideia de território — seja ele físico, cultural ou simbólico. Ambos os campos promovem o pertencimento, a valorização do local e o fortalecimento das identidades, o que é crucial para a formação cidadã.

Podemos então, sinalizar para que nossas discussões ainda reverberam para o entendimento de que a EJA é muito mais do que uma modalidade para a recuperação do tempo de escolaridade perdido; e que quando orientada pelos princípios da agroecologia — como sustentabilidade, diversidade e cooperação pode se transformar em um campo fértil para práticas pedagógicas que promovem o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Logo, nos inspirar nas práticas da agroecologia e seu enfoque em uma relação amistosa entre os humanos e o ambiente, olhamos para uma prática que valoriza não apenas o conhecimento técnico, mas também os saberes locais, as culturas tradicionais e a vivência prática dos estudantes. Ao dialogar com esses princípios, a EJA torna-se espaço de aprendizagem que vai além do conteúdo curricular convencional, proporcionando uma formação que produz conhecimento para que os estudantes possam ter autonomia e capacidade de enfrentamento dos desafios contemporâneos.

Nesse sentido, ao criar práticas pedagógicas inspiradas na agroecologia promove uma educação que reconhece e valoriza a diversidade, seja ela cultural, biológica ou social. Na EJA, o processo educativo como potência de criação de territórios de troca de saberes, onde todos os envolvidos - educadores e educandos - constroem coletivamente o conhecimento.



Essa abordagem promove uma educação dialógica, baseada no respeito e na cooperação, fortalecendo a autonomia dos estudantes e possibilitando que eles se tornem agentes ativos na transformação de suas comunidades e territórios.

Além disso, a integração dos princípios agroecológicos na EJA pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes do seu papel na construção de uma sociedade mais justa e sustentável. A sustentabilidade, neste contexto, não se refere apenas à preservação ambiental, mas também à criação de práticas educativas que sejam socialmente inclusivas e economicamente viáveis.

Na construção do conhecimento, jovens, adultos e idosos, educandos da EJA, vão se tornando críticos em relação às suas realidades e se vendo capazes de desenvolverem soluções baseadas na cooperação e no respeito mútuo, promovendo uma educação que verdadeiramente transforma vidas e fortalece comunidades.

Referências

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Expressão Popular/AS-PTA, 2012.

BRANDENBURG, A. **Movimento agroecológico**: trajetória, contradições e perspectivas. In *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, jul-dez. 2002. Editora UFPR. 18p.

CALDART, R. S. **Escolas do campo e agroecologia**: uma agenda de trabalho com a vida e pela vida! p. 10, 2019. Disponível em: https://www5.unioeste.br/portalunioeste/arq/files/GEFHEMP/01_-_Escolas_do_Campo_e_Agroecologia.pdf. Acesso em: 18 nov. 2024.

CALDART, R. S. **Função social das escolas do campo e desafios educacionais do nosso tempo**, 2020. p. 01-11. Disponível em: <https://1library.org/document/zk8k8emzfuncao-social-escolas-campo-desafios-educacionais-nosso-tempo.html>. Acesso em: 18 nov. 2024.

CURY, C. R. J. Parecer CEB 11/2000. In: SOARES, Leôncio. **Educação de jovens e adultos**: diretrizes curriculares nacionais. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

DANIEL, L.D. **Múltiplos Cenários da Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul a partir de narrativas de professores de Matemática**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2022.